

O PANTANAL EM PALAVRAS: UMA INVESTIGAÇÃO FILOLÓGICA

Waldir Cezaretti de Freitas (UFSC)
wcezarettiufsc@gmail.com.br

RESUMO

Este trabalho investiga o léxico característico do pantaneiro, figura emblemática do homem do campo, também conhecido como peão, cuja rotina está profundamente ligada às atividades rurais. Responsável pelo manejo de animais, plantações e outras tarefas típicas das fazendas e comunidades pantaneiras, esse trabalhador desenvolveu um vocabulário singular, marcado por gírias, interjeições, onomatopeias e expressões próprias que refletem sua experiência e sabedoria. Mais que um meio de comunicação, essa linguagem representa um patrimônio cultural, carregando traços da identidade e da vivência no contexto rural. O estudo relaciona essa riqueza linguística à filologia como ferramenta para analisar e preservar esse léxico. Além de documentar suas peculiaridades, o artigo ressalta a importância de valorizar essa expressão cultural e inseri-la nas discussões contemporâneas. Ao explorar a interseção entre a filologia e o linguajar pantaneiro, torna-se possível compreender essa manifestação viva e dinâmica, essencial para a identidade do homem do campo.

Palavras-chave:

Linguajar. Linguística. Pantaneiro.

ABSTRACT

This study investigates the characteristic lexicon of the pantaneiro, an emblematic figure of the rural man, also known as peão, whose routine is deeply connected to rural activities. Responsible for handling animals, crops, and other typical tasks in Pantanal farms and communities, this worker has developed a unique vocabulary, marked by slang, interjections, onomatopoeia, and distinct expressions that reflect his experience and wisdom. More than just a means of communication, this language represents a cultural heritage, carrying traces of identity and life in the rural context. The study relates this linguistic richness to philology as a tool for analyzing and preserving this lexicon. In addition to documenting its peculiarities, the article highlights the importance of valuing this cultural expression and incorporating it into contemporary discussions. By exploring the intersection between philology and the pantaneiro language, it becomes possible to understand this living and dynamic manifestation, essential to the identity of the rural man.

Keywords:

Language. Linguistics. Pantaneiro.

1. Introdução

O presente artigo aborda o fascinante linguajar do homem do campo das regiões do Pantanal Sul-mato-grossense e mato-grossense, figura icônica

conhecida por diferentes nomes como pião, peão ou simplesmente homem do campo.

Esses trabalhadores rurais, dedicados à lida diária dos campos, pomares, plantações, rebanhos e à convivência com os animais silvestres, possuem um papel vital na manutenção do equilíbrio ambiental e na economia regional. Sua rotina, que envolve atividades como o manejo do gado, a tria do arroz, a pesca, a caça e os diversos afazeres das fazendas, sítios e comunidades rurais, é permeada por um linguajar peculiar que merece ser compreendido e valorizado.

A linguagem do homem do campo pantaneiro reflete sua sabedoria prática, a riqueza cultural da região. Como disse Guimarães Rosa, “o homem se inventa nas palavras”, e é exatamente isso que ocorre nesse universo: o vocabulário não é somente uma ferramenta de comunicação, mas um elo com a identidade coletiva e com os saberes transmitidos por gerações.

Palavras, expressões e interjeições como “mandiocada” (uma refeição com mandioca), “curicaca” (uma ave típica do Pantanal), ou onomatopeias que imitam sons de animais são exemplos do vasto repertório que compõe o léxico pantaneiro.

A oralidade desempenha um papel crucial na transmissão desse conhecimento linguístico. Muitas vezes, o que é dito carrega uma musicalidade própria e está repleto de significados que vão além do literal.

Segundo Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e o homem do campo pantaneiro, ao interpretar seu meio ambiente, traduz essa compreensão em palavras e expressões singulares. Dessa forma, seu linguajar é um reflexo do cotidiano, das experiências com a fauna e a flora, das relações sociais e do próprio processo de subsistência.

De acordo com Paulo Freire:

Diminuir a distância entre a expressão significativa do técnico e a percepção pelos camponeses em torno do significado. Deste modo, o significado passa a ter a mesma significação para ambos. E isto só se dá na comunicação e intercomunicação dos sujeitos pensantes a propósito do pensado... (Freire, 1992, p. 68)

A citação de Freire (1992) enfatiza a importância da comunicação como um processo dialógico para a construção de um entendimento comum entre diferentes sujeitos, especialmente entre técnicos e camponeses. O autor aponta que a redução da distância entre a linguagem técnica e a percepção dos camponeses é essencial para que ambos compartilhem o mesmo significado. Isso reflete a perspectiva freireana de que a verdadeira comunicação só ocorre quando há uma interação horizontal e respeitosa entre os envolvidos,

promovendo a construção coletiva do conhecimento. Essa abordagem destaca a necessidade de transformar a comunicação em um processo de troca e aprendizado mútuo, valorizando as experiências e saberes dos sujeitos envolvidos.

Entre os traços característicos do léxico pantaneiro, destacam-se as gírias e expressões que demonstram uma estreita relação com a natureza e com as atividades diárias. Termos como “arrumar a tropa” (preparar os cavalos para o trabalho), “correr boiada” (conduzir o gado), e “bater péla” (limpar o arroz após a colheita) ilustram a especificidade de seu vocabulário. Esses termos, muitas vezes, transcendem seu significado original e ganham sentidos metafóricos em outros contextos, enriquecendo ainda mais a linguagem.

As onomatopeias também têm papel de destaque, elas reproduzem sons que fazem parte do dia a dia pantaneiro, como o cantar dos pássaros, o mugir do gado, ou mesmo os ruídos das ferramentas utilizadas no trabalho. São elementos que conectam a linguagem às experiências sensoriais, tornando-a vibrante e visual. Essas expressões sonoras, muitas vezes, são utilizadas para transmitir ordens ou facilitar a comunicação em situações onde a rapidez é essencial, como durante o manejo do gado ou na organização de uma pescaria.

Paralelamente, é importante considerar como a filologia e suas estruturas linguísticas, aplicadas ao uso da linguagem no campo, funcionam como ferramentas essenciais para o registro e a análise dessas peculiaridades. Isso inclui, por exemplo, a identificação de variações dialetais e a preservação de expressões típicas que, de outra forma, poderiam se perder com o tempo.

Segundo Paulo Freire (1992) quanto mais observamos as formas de comportar-se e de pensar de nossos camponeses mais parece que podemos concluir que, em certas áreas (em maior ou menor grau) eles se encontram de tal forma próximos ao mundo natural, que se sentem mais como parte dele do que como seus transformadores. Entre eles e seu mundo natural (e também, e necessariamente, cultural) há um forte “cordão umbilical”, que os liga. Paulo Freire (1992, p. 32).

Ao documentar e disseminar o léxico pantaneiro, cria-se a possibilidade de tornar esse saber acessível a um público mais amplo, promovendo o reconhecimento de sua importância histórica e social. Além disso, permite uma troca de conhecimentos que beneficia todas as partes envolvidas, como afirma o linguista Ferdinand de Saussure, “a linguagem é um sistema vivo”, e o léxico pantaneiro, ao incorporar elementos do presente, demonstra sua capacidade de evoluir sem perder sua essência. Outro ponto relevante é o impacto da globalização no uso do linguajar tradicional. A interação com outras culturas, facilitada pela tecnologia e pelo aumento da conectividade,

introduz novos termos e modifica expressões já existentes. Entretanto, essa mesma globalização também traz consigo o desafio de preservar a identidade linguística local. Por isso, iniciativas que valorizam e promovem o uso do vocabulário pantaneiro são fundamentais para garantir que ele continue vivo e relevante para as futuras gerações.

É também interessante observar como a linguagem do homem do campo pode servir como fonte de inspiração para a literatura, a música e outras manifestações artísticas. Escritores, músicos e poetas frequentemente recorrem ao léxico regional para dar autenticidade às suas obras e para expressar a riqueza cultural do Pantanal. “Nada do que se faz é tão autêntico quanto aquilo que vem da terra”, como dizia o poeta pantaneiro Manoel de Barros, cuja obra captura com maestria a essência do homem do campo e seu universo linguístico.

O linguajar do homem do campo pantaneiro é um patrimônio cultural de inestimável valor, ele traduz a experiência de vida em uma região tão singular, reflete a riqueza da diversidade linguística brasileira. A análise filológica oferece novas perspectivas para o estudo e a preservação desse legado, demonstrando que tradição e inovação podem caminhar juntas. Assim, ao trazer à luz o léxico pantaneiro, este artigo busca registrar, celebrar a sabedoria e a criatividade do homem do campo, contribuindo para o reconhecimento e a perpetuação dessa rica herança cultural.

2 *Significados*

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho baseia-se em uma abordagem qualitativa, voltada para a análise e compreensão do linguajar característico do pantaneiro nas regiões mato-grossense e sul-mato-grossense. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a cultura, história e as especificidades linguísticas do homem do campo, também conhecido como peão. Essa revisão permitiu contextualizar o vocabulário do pantaneiro dentro de um escopo sociocultural mais amplo.

Para complementar o levantamento teórico, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com trabalhadores rurais e especialistas na área de linguística regional. Essas entrevistas buscaram identificar as peculiaridades linguísticas, como gírias, interjeições e onomatopeias, além de compreender os significados culturais associados a essas expressões. Com isso, a observação participante foi empregada para captar nuances do uso da linguagem em situações cotidianas.

Os dados coletados foram analisados à luz de referenciais teóricos que relacionam linguagem, cultura e identidade, essa abordagem permitiu explo-

rar como o linguajar do pantaneiro é um reflexo de suas experiências e da rica tradição cultural do Pantanal. Por fim, o estudo busca destacar a importância de preservar e valorizar esse patrimônio linguístico tão singular.

2. *Identidade*

O léxico pantaneiro representa um verdadeiro patrimônio linguístico do Brasil, composto por palavras, expressões e gírias típicas da região do Pantanal, ele reflete a cultura, os costumes e o cotidiano do homem do campo, essa riqueza linguística carrega em si elementos históricos, sociais e ambientais que traduzem a interação entre o ser humano e a biodiversidade única do Pantanal.

A inovação tecnológica tem desempenhado um papel crucial no registro e preservação desse léxico, por meio de ferramentas digitais, como aplicativos, plataformas colaborativas e bases de dados, possibilitando catalogar palavras e expressões regionais, registrando seus significados, seus contextos de uso. Esses recursos são fundamentais para garantir que as futuras gerações possam acessar e compreender o modo de vida pantaneiro.

De acordo com Koch (1997) é preciso pensar a linguagem humana como um lugar de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos. (Koch, 1997, p. 109). Para Koch a dimensão social e dinâmica da linguagem, evidenciando-a como um espaço privilegiado para a interação humana.

Ao enfatizar que a linguagem constitui identidades, representa papéis e negocia sentidos, o autor reforça a ideia de que a comunicação transcende a simples troca de informações, ela é, na verdade, um processo de construção de significados compartilhados e de posicionamento dos sujeitos em diferentes contextos. Essa perspectiva destaca a relevância da linguagem como mediadora nas relações sociais e como ferramenta essencial para a compreensão e transformação das interações humanas.

Portanto, o léxico pantaneiro é mais do que um conjunto de palavras: é um elo vital entre a linguagem, a cultura e a natureza, essa aliança filológica assegura que essa riqueza continue sendo uma fonte de orgulho e identidade para o homem do campo e para toda a sociedade brasileira.

2.1. *Locuções e léxicos: significados:*

– Mãozão: Figura mítica ou fantasma, representando algo ou alguém que causa medo ou assombro na cultura local.

- Flozo: Termo utilizado para se referir a um homem afeminado, com uma conotação que pode variar dependendo do contexto em que é usado.
- Boia: Palavra comum no vocabulário pantaneiro que significa comida, especialmente aquelas refeições preparadas de maneira simples e direta.
- Rodeando: Expressão usada para indicar que alguém está “de olho” em outra pessoa, observando ou monitorando suas ações.
- Pixito: Gíria que se refere ao órgão sexual masculino, com uma conotação informal e popular.
- Asa dura: Avião; termo utilizado para se referir ao meio de transporte aéreo.
- Bicho do chão: Cobra; gíria local para referir-se a uma serpente.
- Bola pé: Travessia de rios, baías, vazantes e corixos; movimento de atravessar corpos d’água no Pantanal.
- Canela de ema: Tipo de trança usada no afogador do laço; uma técnica ou estilo utilizado pelos peões no manejo do gado.
- Carne sentida: Carne rançosa; carne que passou do ponto de frescor, com um cheiro ou sabor desagradável.
- Pé de amigo: Imobilização do cavalo; técnica usada para prender ou controlar o animal durante o trabalho no campo.
- Cuiudo: Animal grande e bravo.
- Dar ao João do mato: Deixar uma rês escapar; significa não conseguir controlar um animal, permitindo que ele fuja.
- Fazer o rodeio: Reunir o gado no pasto; a ação de agrupar o rebanho, muitas vezes para conduzi-lo a outro local.
- Guardar o mato: Entrar correndo no mato atrás de um animal fujão; significa perseguir um animal que tentou escapar para a vegetação.
- Molhar os olhos: Entrar (o peão) correndo no mato; expressão usada quando o peão se apressa para perseguir o gado ou enfrentar uma situação difícil.
- Parar rodeio: Encarar o perseguidor, com enfurecimento; a ação de confrontar alguém com coragem ou raiva durante uma perseguição.
- Plantar uma figueira: Cair do cavalo; expressão que descreve a queda de um cavaleiro do seu animal.
- Limpa banco: Dançarino; gíria para se referir a alguém que dança com habilidade, especialmente em festividades.

- Comitiva: Conjunto de pessoas ou animais que viajam ou se deslocam juntos, geralmente em uma jornada ou expedição no campo.
- Sopa paraguaia: Prato típico da culinária pantaneira, um tipo de torta salgada feita com milho, queijo, cebola e outros ingredientes.
- Chamamé: Estilo musical tradicional da região, muito associado a danças e festividades locais.
- Quebra torto: Algo ou alguém muito difícil de lidar ou de domar; pode ser usado para descrever um animal ou uma pessoa de temperamento difícil.
- Queimadô de campo: Mentiroso; termo usado para descrever alguém que conta histórias falsas ou exageradas.
- Torado no grosso: Muito bravo; expressão usada para descrever uma pessoa ou animal que está extremamente irritado ou agressivo.
- Boi de piranha: Pode se referir a um animal (boi) que atrai predadores para proteger o restante do rebanho ou a uma situação onde alguém serve como isca para algo maior.

3. *Integração*

O léxico pantaneiro é um dos elementos mais marcantes da identidade cultural da região pantaneira. Ele reflete a interação do homem com a natureza e com as atividades do campo, sendo muito mais do que um conjunto de palavras. Trata-se de uma manifestação linguística/filológica que transcende o cotidiano, carregando em si a história, os costumes e o modo de vida de quem habita o Pantanal.

Essa riqueza linguística torna-se ainda mais valiosa quando associada à ciência e à tecnologia. A ciência, por meio de pesquisas linguísticas, tem o papel de documentar e estudar o léxico pantaneiro, explorando suas origens, evolução e diversidade. É um trabalho que identifica as influências indígenas, africanas e europeias na formação do vocabulário, destaca como esse léxico se adapta e resiste às transformações culturais e ambientais.

4. *Considerações finais*

O léxico pantaneiro, uma expressão genuína da cultura e identidade do Pantanal, vai além de um simples conjunto de palavras e expressões utilizadas pelos habitantes da região. Ele é a alma do modo de vida do peão pantaneiro, refletindo, de forma primorosa, o relacionamento com a planície alagável, a fauna exuberante e as tradições locais. Este fenômeno linguístico é

explicado pela ciência como o resultado de um sistema dinâmico que se adapta às condições culturais, históricas e ambientais da região, evidenciando a riqueza do Pantanal e sua singularidade no contexto global.

O Pantanal, localizado na bacia do Alto Paraguai e abrangendo áreas como Corumbá, no Mato Grosso do Sul, constitui um dos biomas mais ricos e diversos do planeta. É nesse ambiente peculiar que o léxico pantaneiro se torna uma ferramenta crucial de comunicação, conectando os habitantes à natureza e ao modo de vida do campo. As palavras e expressões típicas da região, muitas vezes desconhecidas fora desse território, carregam significados profundos, refletindo uma relação única com o ambiente e evocando sentimentos e memórias que fazem parte da identidade local.

A Filologia revela as múltiplas influências de diferentes culturas, como as indígenas, africanas e europeias, que moldaram essa linguagem ao longo dos séculos. Esse estudo permite compreender a profundidade cultural do léxico pantaneiro, destacando as interações que deram origem a um vocabulário autêntico e único.

Para Krieger (1999) o uso dessas unidades lexicais demonstra a construção de uma linguagem própria dentro de áreas específicas, contribuindo para o avanço do conhecimento e a consolidação das comunidades científicas:

O largo uso de unidades lexicais próprias de cada área, identificadas como termos técnico-científicos, constitui um significativo diferencial. Essas unidades lexicais estão a serviço de uma comunicação especializada e, nessa medida, opõem-se ao léxico da língua comum. (Krieger, 1999, p. 34)

A citação de Krieger (1999) destaca um ponto central sobre a especificidade e funcionalidade do léxico técnico-científico. A autora ressalta como os termos técnicos, ao se diferenciarem do léxico comum, desempenham um papel fundamental na comunicação especializada, esse contraste evidencia a importância da precisão e da clareza nos contextos acadêmicos e profissionais, onde a escolha lexical é essencial para evitar ambiguidades.

Os estudos filológicos ampliam o alcance educativo do léxico em estudo, contribui para pesquisas e valoriza as raízes culturais, enquanto turistas e curiosos de outras partes do mundo podem explorar, de maneira imersiva, as tradições e o cotidiano do Pantanal. Esse intercâmbio de saberes fortalece a identidade cultural da região, ao mesmo tempo em que promove o respeito pela biodiversidade e as práticas sustentáveis que caracterizam o Pantanal.

O sistema filológico/linguístico do léxico pantaneiro preserva o legado cultural, mantém viva a história do pantanal, reafirmando a importância de reconhecer e celebrar a diversidade cultural como um patrimônio universal.

Com isso, o léxico pantaneiro é muito mais do que um conjunto de palavras, torna-se um tesouro cultural que reflete a essência do pantanal e de seu povo. Ao ser documentado pela linguística e potencializado pelos estudos filológicos, esse patrimônio se torna uma herança viva, capaz de conectar o passado, o presente e o futuro, mostrando ao mundo o valor único de uma das regiões mais fascinantes do planeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIN, T. *Sociolinguística*. Introdução à linguística. Editora Cortez. 2001.
- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. Editora Ática. 2002.
- ARRAES, F. C. C. L. *Empréstimos linguísticos do inglês, com formativos latinos*. Brasília: UNB. 2006.
- BARROS, M. *O Livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record. 2001.
- CAMACHO, R. G. *Da Linguística formal à Linguística social*. São Paulo: Parábola. 2013.
- DIAS, L. F. *Os sentidos do idioma nacional: as bases enunciativas do nacionalismo linguístico no Brasil*. São Paulo: Pontes. 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra. 1970.
- GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. S. M. *Estrangeirismos: desejos e ameaças*. São Paulo: Parábola. 2001.
- GNERRE, M. *Linguagem e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- KOCH, I.G. *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto. 1997.
- KRIEGER, M. G. *A Terminologia: teoria e prática*. Porto Alegre: Unisinos. 1999.
- SILVA, O. *O contexto de linguística e o linguajar do campo*. São Paulo: Corpus. 2020.
- TORRANO, S. D. P. *Produtividade e criatividade do léxico: os neologismos na área da informática*. São Paulo: USP. 2010.